

15) Permanecer com Cristo

A decisão de permanecer com Cristo, ao lado de Cristo, aquela decisão que, muitas vezes, requer muito tempo para que a tomemos realmente – mas Deus é muito paciente conosco – esta decisão é, no fundo, a alma da nossa estabilidade monástica, em uma comunidade, em um lugar .

A estabilidade que São Bento nos faz professar, não pode ser uma vocação para nós se o seu fundamento não é Cristo. Os votos não têm significado e valor, se não na medida em que nos consagramos a Cristo, na medida em que nos unimos a Ele. Isto vale também para o voto de estabilidade. Fazemos votos de estabilidade para não nos distanciar de Jesus, para responder-Lhe que não queremos ir embora, que permanecemos com Ele. Pedro faz este voto, inspirado pelo Espírito Santo, quando ele diz: "Senhor, para quem iremos nós? Só Tu tens palavras de vida eterna; nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus" (Jo 6,68-69).

No final do belo capítulo 72 da Regra sobre o bom zelo dos monges, São Bento parece falar desta decisão, quando escreve: "nada absolutamente antepõem a Cristo, que nos conduza juntos para a vida eterna" (72,11-12).

A estabilidade na comunidade depende, em primeiro lugar, da preferência dada a Jesus, da decisão de permanecer com Ele; mas esta decisão interior da liberdade, da vontade, Cristo a transforma e a encarna em um caminho de comunhão, na estabilidade em uma comunidade em caminho para a vida eterna, aquela vida eterna, da qual, fala Pedro quando responde a Jesus: "Só Tu tens palavras de vida eterna" (Jo 6,68). A vida eterna, a vida em plenitude é a meta do caminho de uma comunidade reunida e guiada por Cristo.

Mesmo em São Bento, a estabilidade é uma comunhão de caminho dos irmãos de uma comunidade monástica. A idéia de caminho é fundamental para viver a estabilidade no mosteiro. Se não caminhamos juntos, reunidos e guiados por Cristo, o Bom Pastor, não somos estáveis.

Também na crise do grupo dos discípulos descrita no capítulo 6 de João, fale-se de caminho. Não distanciar-se de Jesus, não abandoná-Lo, não significa permanecer ali sem se mexer, mas colocar-se a caminho com Ele, continuar a segui-Lo, mesmo que o seu caminho se dirige, sempre mais resolutamente, para Jerusalém, o que significa a sua morte, mas também a sua ressurreição.

Com Jesus, está em jogo o dinamismo de um caminho. O problema não é tanto como estamos, em qual nível chegamos, mas permanecer no caminho atrás Dele, com Ele.

A traição dos que deixam Jesus na sinagoga de Cafarnaum é, de fato, descrita com estas palavras: "Desde então, muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com ele" (Jo 6,66).

Inverteram a direção de marcha de suas vidas. Não caminham mais com Ele. Não prosseguirão mais com Jesus. Não caminham mais deixando-se guiar, todos juntos por Ele, para a vida eterna, que Ele nos compartilha.

A estabilidade monástica não é ser plantados em qualquer lugar, mas permanecer no caminho de Cristo, assim como São Bento nos ajuda a percorrê-lo e a nossa comunidade nos dá a possibilidade de vivê-lo, aderindo concretamente.

Contudo, o capítulo 6 de São João pode nos ajudar a compreender mais profundamente, o significado da nossa vocação à estabilidade.

No fundo, os discípulos que se vão e não caminham mais com Jesus, por que o fazem? O seguiram até ali, fielmente. Por que agora se vão?

Talvez porque naquele momento, Jesus ofereceu-lhes de não contentar-se mais de segui-Lo, mas de tornar-se o seu Corpo.

Tinha dito: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive, e eu vivo pelo Pai, assim também aquele que comer a minha carne viverá por mim" (Jo 6,56-57).

Aquilo que Jesus oferece aqui é muito mais do que um simples seguimento exterior. Trata-se de acolher a graça de se tornar Ele, se tornar seu Corpo, vivendo da Sua vida. Este é também o que mira S. Bento, pedindo o compromisso da estabilidade, em um caminho comunitário de obediência. Quer ajudar-nos a incorporar em Cristo, para não somente seguir Seus passos, mas fazê-lo com Ele, n'Ele, por Ele. Lembrem da bela expressão do capítulo 61 da Regra sobre o modo de acolher e integrar os monges peregrinos? A estabilidade vem definida nos seguintes termos: "*sociari corpori monasterii* – ser agregados ao corpo do mosteiro" (61,6).

É importante conservar esta imagem, porque pode ajudar-nos a entender e julgar o modo como vivemos a estabilidade e, portanto, toda nossa vida monástica. O ideal para Bento não é ter uma bonita representação de monge, de acordo com o manual, mas que cada irmão viva com e no corpo da comunidade. Portanto, se as vezes, existem períodos em que o corpo está um pouco fraco, a estabilidade significa compartilhar esta fraqueza e levá-la com os outros. E se existem momentos em que o corpo precisa se mexer muito, o ideal da estabilidade não é de retirar-se em um canto, para procurar a própria tranquilidade monástica, mas mexer-se com o corpo e compartilhar a sua atividade.

É um pouco a idéia da comunidade como corpo, que está implícita, no capítulo 48, onde São Bento diz: "Se, porém, a necessidade do lugar ou a pobreza exigirem que se ocupem, pessoalmente, em colher os produtos da terra, não se entristeçam por isso, porque então são verdadeiros monges se vivem do trabalho de suas mãos" (48,7-8).

Quando se vive a estabilidade deste modo encarnada, esta torna-se para nós uma fonte de vida, da vida de Cristo. Longe de fossilizar-nos na rotina e no dever, esta torna-se, cada vez mais, um caminho de vida eterna com nossos irmãos.

A estabilidade vem assim coincidir com a caridade, que aceita assumir a responsabilidade para com o próximo. E é este o aprofundamento que devemos fazer nos próximos capítulos, e o faremos a partir do evangelho do "bom Samaritano".